

① Distinguir démarches conceituais na história da filosofia é tarefa que requer não des- caracterizar o discurso filosófico em sua problematicidade, isto é, o quanto o modo de colocação de um problema filosófico con- fere singularidade e sentido a uma determina- da concepção que exige um caso de solução. Nesse sentido, convém previamente, enfatizar que Berkeley e Quine, ainda que se oponham, con- forme logo veremos, compartilham um presupos- to implícito que permite serem avaliados conjun- tamente: ambos entendem que conhecer envolve o ato de perceber desde que a percepção seja con- duzida por um ato racional que leva o sujeito do conhecimento a agir em um certo ul- trapassamento do dado imediato sensível, do dado, da experiência.

Contudo, a fonte capaz de conferir le- gitimidade ao ato do conhecimento repara o idealismo radical de Berkeley do empirismo pragmático de Quine. Embora ambas as concep- ções presuponham um modelo que remete o processo de conhecimento a uma lógica de id- entidade entre causa e efeito, enquanto Berkeley formula à maneira de Platão o seu princípio em uma substância transcendente que por rela- ções de 'semelhança' legitima e possibilita os juízos de objetos, o empirismo representado por Quine faz da própria ideia de substância

não mais um modelo originário mas,
 de outro modo, ~~como~~ como o resul-
 tado de ~~suas~~ percepções remissas que dão,
 elas mesmas, seu critério iminente de inteligi-
 bilidade.

Em suma, o idealismo de Berkeley é
 um exemplo da concepção clássica de causa-
 lidade onde ela era sempre o 'próprio' da
 relação. Enquanto o empirismo e o pragmatiz-
 mo de Quine dá testemunho de um aprofun-
 damento da visão kantiana, a partir da
 qual a própria substância se torna cada
 vez mais no rei da relação uma categoria
 analítica de causalidade ~~em oposição~~
~~às~~

② A importância da citada tese de Popper
 reside simultaneamente em seu ponto forte e em
 seu ponto frágil. Importante mais, para o
 debate filosófico sobre a ciência, o grau
 de coerência e digestibilidade com que a
 ela intervém no problema da difícil demarca-
 ção entre o trabalho científico e sua susceti-
 bilidade às esferas moral e axiológica.

A fim de avaliar a tese popperiana,
 cumpre ter em conta que o desenvolvi-
 mento da concepção ocidental de ciência, desde
 suas formulações platônicas-aristotélicas iniciais,
 supõem uma união íntima entre o objeto
 do conhecimento e o método pelo qual tal
 objeto é conhecido. Não é por acaso que, aten-
~~do~~ do-nos ainda a Platão e Aristóteles,

Os textos epistemológicos de ambos estão repletos de recomendações e exortações de cunho moral. Da visão de Bell em Platão como liame intelectual de busca do conhecimento pelo homem de ciência ao conselho de Leibniz em "não abalar os sentimentos estabelecidos", dentre tantos outros exemplos possíveis, vemos a história da filosofia da ciência nos dar testemunho de quanto a constituição do espírito científico ocidental jamais esteve efetivamente apertada, de maneira absoluta, de preocupações morais e hierarquias de valores mais ou menos implícitas em cada caso (notadamente conformistas nos exemplos citados). É a partir destas constatações que podemos situar o que, inicialmente, referimos como ponto forte e fraco da tese de Popper. Seu ponto forte é ter contribuído para uma maior permeabilidade do pensamento epistemológico contemporâneo a uma história externalista das ciências, isto é, trazendo para o terreno de discussão científica ~~o~~ o campo de investigação acerca de suas condições de possibilidade extra-científicas (tal mérito não é pequeno, como tenhamos em conta ~~o~~ o empenhamento no zero com os mitos da neutralidade científica). Todavia, seu ponto fraco é reunir diversos ramos do que diz respeito à ~~o~~ ~~o~~ reparação dos ramos simplistas entre valor e verdade a partir de um modelo científico incapaz de examinar a questão das condições de possibilidade e suas axiologias que instituem tal ou qual critério de verdade.

3) A tese de Adorno é exemplar da presente confrontação, no discurso filosófico contemporâneo, das concepções epistemológicas do conhecimento. Trata-se aí de fazer ver que as decisões por antecipação, nos modelos transcendentais do neokantismo por exemplo, tendem a empobrecer a compreensão do processo de conhecimento na medida que, mesmo inadvertidamente, reduzem o conteúdo concreto, empírico e material a esquemas abstratos de tal ou qual modelo formal-transcendental. Dito de outro modo, a concepção dialética, por sua vez, tem a cautela de não desvalorizar o produzido de condições ideais de produção. Ao por em movimento de tensão, determinação e preempção recíprocas as "condições" de produção e o "conhecimento produzido", a concepção dialética expressa pela Tese de Adorno abre caminho para duas tarefas necessárias à teoria do conhecimento: a primeira, negadora, deve demonstrar como os modelos epistemológicos, ao descreverem por antecipação o rendimento cognitivo, fracassam ao tentar reduzir e anular as contradições das relações, seja tentando descobrir um meio de tornar as relações interiores aos seus próprios termos (essentialism), seja introduzindo um termo mais compreensivo e profundo ao qual a relação sujeito-objeto se torne a ela necessariamente interior (idealism). A segunda tarefa, positiva, cabe provar que não somente as circunstâncias singularmente



Condições e suas condições (cultu-

rais, sociais, políticas...) dirigem os
esquemas de rendimento cognitivo,
como também os próprios resultados,
cognitivos vêm-se atubuir em sentido,
uma direção e uma parcialidade em fun-
ção de suas condições efetivas de produção.